

VIVÊNCIAS INFANTIS E O ENTENDIMENTO DA PAISAGEM: EXPERIÊNCIAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO

VIVIANE COSTA FARIA | SOFIA VEZZARO TAIAROL
GISELLE ARTEIRO NIELSEN AZEVEDO | VERA REGINA TÂNGARI

viviane.faria@fau.ufrj.br
sofia.taiarol@fau.ufrj.br
gisellearteiro@fau.ufrj.br
vtangari@fau.ufrj.br

 10.64082/phs.2025.01.5.8

RESUMO ABSTRACT

O artigo aborda a relação entre a escola e a cidade, explorando os conceitos de Educação Integral e Territórios Educativos com o propósito de “espalhar as infâncias pela cidade” como abordagem fundamental. A ideia central é relatar a aplicação de métodos de avaliação pós-ocupação em uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro, realizada durante a disciplina de Avaliação do Ambiente Construído e da Paisagem do PROARQ-FAU-UFRJ. O estudo destaca as percepções das crianças e dos docentes sobre os espaços livres, partindo do princípio de que a escola não deve se limitar aos seus muros, mas, sim, conectar-se ativamente com a comunidade, reconhecendo o direito das crianças à cidade. A pesquisa evidencia a importância da colaboração de todos os envolvidos para que a escola efetivamente interaja com a comunidade e expanda seu impacto para além dos seus limites físicos.

Palavras-chave: Território Educativo; Educação integral; Avaliação Pós-ocupação; Infância; Sistemas de Espaços Livres.

Children’s Experiences and the Understanding of Landscape: Experiences in a Public School in Rio de Janeiro

The paper addresses the relationship between the school and the city, exploring the concepts of Integral Education and Educational Territories with the aim of “spreading childhood across the city” as a fundamental approach. The main objective is to report the application of post-occupancy evaluation methods in a public school in Rio de Janeiro, conducted within the Built Environment and Landscape Evaluation course of PROARQ-FAU-UFRJ. The study highlights the perspectives of children and educators on open spaces, based on the principle that the school should not be confined within its walls but should actively connect with the community, recognizing children’s right to the city. The research underscores the importance of collaboration among all parties involved so that the school can effectively engage with the community and expand its impact beyond its physical boundaries.

Keywords: Educational Territory; Integral Education; Post-occupancy Evaluation; Childhood; Systems of Open Spaces

A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A CIDADE

é um tema de grande relevância, não apenas no campo da educação, mas também nas políticas públicas e em contextos urbanos. Dentro desse cenário, a disciplina Avaliação do Ambiente Construído e da Paisagem, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Giselle Azevedo no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura do PROARQ-FAU-UFRJ, buscou explorar, de forma teórica e prática, as metodologias empregadas em pesquisas acadêmicas, especialmente aquelas que envolvem dinâmicas sociais.

Assim, por meio da experiência prática proporcionada pela disciplina, foi possível reali-

zar uma avaliação pós-ocupação com alunos do terceiro ano do ensino fundamental em uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro¹. Cada grupo teve liberdade para escolher os dispositivos a serem utilizados. Este grupo optou por investigar as múltiplas percepções sobre os espaços livres, enfatizando que a escola deve ser vista não como um espaço isolado, mas como uma entidade que interage e se conecta com a cidade.

Para isso, foram utilizados instrumentos que abordaram a percepção das pesquisadoras, dos próprios estudantes e do corpo docente, aplicando metodologias distintas com o objetivo de integrar essas perspectivas e formular uma visão múltipla sobre o tema. Neste artigo, exploram-se duas metodologias de análise: uma aplicada com as crianças e outra com os docentes, com a intenção de revelar perspectivas que vão além das próprias pesquisadoras.

Para um melhor entendimento do cenário do território da escola, é preciso compreender que ela fica localizada na Barra da Tijuca, um bairro situado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, caracterizado por uma abundância de condomínios fechados e shoppings centers. No meio do crescimento imobiliário, destacam-se características naturais, que incluem a extensa faixa litorânea, lagoas (Marapendi e Tijuca), parques e centros culturais que circundam essa paisagem. A instituição de ensino em foco está situada dentro de um desses condomínios fechados, entretanto a maioria significativa dos alunos não são residentes deste local. As crianças vivem em bairros ou comunidades situados fora da Barra da Tijuca, áreas que frequentemente apresentam condições econômicas menos favorecidas.

O objetivo da abordagem das pesquisadoras foi reconhecer e analisar a forma como as crianças percebiam os espaços livres, tanto dentro como fora dos limites da escola. Isso se torna relevante porque as crianças estão em um ambiente relativamente seguro, uma vez que se trata de um condomínio fechado. No entanto, ao mesmo tempo, esse ambiente é segregado, pois está

¹ As atividades propostas nas oficinas desta escola municipal fazem parte do projeto de pesquisa: Mapeamento afetivo dos territórios educativos do Rio de Janeiro: interlocuções e redes alinhadas aos objetivos de desenvolvimento sustentável, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Giselle Azevedo, arquiteta, profa Associada do Programa de Pós graduação em Arquitetura – PROARQ-UFRJ e coordenadora do Grupo Ambiente-Educação- GAE.

inserido em um território considerado restrito para poucos, que não está aberto em relação à escola. Essa dualidade de segurança e segregação torna a análise das percepções, não somente das crianças, mas de todo corpo docente um aspecto importante da pesquisa.

“ESPARRAMAR AS INFÂNCIAS SOBRE A CIDADE”

O ponto central deste trabalho é a relação da escola com seu território educativo, mas ao falar de Território Educativo devemos retornar um pouco no tempo para entender como se inicia esse pensamento que permitiu o entendimento da necessidade de se extrapolar os muros da escola e como disse a arquiteta Ana Beatriz Faria², “esparramar as infâncias sobre a cidade”.

Uma questão importante que permeia essa discussão é o direito da criança à cidade, mas principalmente de uma cidade que esteja preparada para acolher esta criança, entendendo-a como um espaço de transformação destes indivíduos em cidadãos. Um espaço em que as crianças interagem e através deste relacionamento, desta troca, acontece seu desenvolvimento e amadurecimento. A Educação integral chega com entendimento da necessidade da escola de se relacionar com a comunidade, buscando parcerias, olhando para o seu entorno.

Como disse o Sociólogo Manuel Sarmiento:

A educação infantil é uma educação na cidade. A criança aprende na sala de atividades, mas também no museu, no centro cultural, no jardim, no parque infantil. No centro de educação em ciência, nos parques urbanos, nos recintos e quadras desportivas, na visita aos artesãos, na hora do conto da biblioteca ou da livraria, na agremiação cultural, na banda de música ou na sala da orquestra, no passeio, na praça e na rua. O lugar da educação da criança estende os seus braços, dilata as suas fronteiras e mobiliza as potencialidades do espaço urbano e a urbe institui-se em cidade das crianças. (Sarmiento *apud* Faria, 2016. p. 30)

² Ana Beatriz Goulart de Faria aborda essa questão em seu artigo Quando a Escola Salta os Muros, publicado no livro Do Espaço Escolar ao Território Educativo. O lugar da Arquitetura na conversa da escola de educação Integral com a cidade.

Mas e a cidade, está preparada para receber estas crianças? As crianças têm acesso a este território? Como efetivamente as escolas conseguem extrapolar seus muros? E como elas conseguem se conectar com o território? Essas questões representam algumas das preocupações das pesquisadoras em relação à interação entre a escola e a cidade.

EDUCAÇÃO INTEGRAL

Um primeiro entendimento que começa a quebrar esta barreira é o conceito de Educação Integral, que no campo pedagógico auxilia a construção desta ponte entre a escola e a cidade, auxiliando na demarcação desse território educativo. Assim a Educação Integral não se refere ao tempo em que a criança está na escola, mas em como a criança aprende interagindo de diversas formas com a cidade e com o que ela tem a oferecer em seu entorno. Uma praça pode ser mais do que um lugar para descansar enquanto espera um amigo chegar. Pode ser um lugar onde a criança aprende a se relacionar com o próximo, a respeitar a cidade, as normas de trânsito e se entende como cidadão, como parte desta cidade. A educação acontece para além dos muros da escola. É um projeto coletivo, sendo compartilhado pelas crianças, educadores, famílias e a comunidade local.

Segundo o Centro de Referência em Educação Integral³:

A Educação Integral é uma concepção que compreende que a educação deve garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural e se constituir como projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades locais (CEI, 2023).

Reintegrando a ideia de que o desenvolvimento total da criança só acontece neste ambiente integrado, coletivo, entende-se que “o conhecimento adquirido na escola não esgota o conjunto de saberes necessários para a construção da cidadania e a participação na sociedade” (Azevedo; Rheigantz; Costa, 2016). Esse entendimento é seguido por diversos sociólogos, pedagogos, como

³ As informações sobre o Centro de Referência em Educação Integral estão disponíveis no seguinte link: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/escola-em-tempo-integral-mec-anuncia-politica-de-expansao-da-jornada/>.

pode ser visto na fala de Manuel Sarmento anteriormente, mas também pela entrevista⁴ concedida por António Nóvoa, Reitor Universidade de Lisboa:

Precisamos de novos ambientes educativos. Temos que sair da sala de aula. O ambiente da sala de aula está preparado para dar aulas, para o professor dar a sua lição. Os novos ambientes educativos têm que ser mais abertos, mais diversos, com trabalhos de grupo, trabalhos individuais, onde acontecem coisas muito diversas no mesmo espaço. Para isso, precisamos repensar os ambientes educativos.

No Rio de Janeiro, o Programa Mais Educação, um projeto do governo federal⁵, chega com a proposta de ampliar a jornada escolar e organizar o currículo visando a educação integral. Ele reconhece a importância da conexão escola-comunidade, trazendo e afirmando a necessidade desta apropriação do território como espaço escolar. Mas, principalmente, afirma a importância do reconhecimento da escola como centralidade educacional, e também social e política, sendo o centro deste sistema, como afirma Maria Antônia Goulart em seu texto *Itinerários formativos na cidade educadora*:

Essa expansão do território educativo envolve maior conexão entre a escola e seu entorno, mas também implica no reconhecimento dessa escola como parte de um sistema mais complexo, composto por organizações e agentes de educação formal, não formal e informal. Isso significa que não estamos falando apenas da incorporação de novos espaços que passam a ser conectados à escola, mas, também, do surgimento de novos espaços de gestão e de pactuação da política pública de educação (Goulart, 2016, p. 69).

Ao falar sobre políticas públicas, de gestores e agentes, é preciso olhar para as diretrizes nacionais propostas pelo Ministério da Educação, através do

⁴ A entrevista com António Nóvoa, na qual ele afirma: “Temos que sair da sala de aula”, concedida em março de 2023, pode ser acessada pelo seguinte link: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2023/03/temos-que-sair-da-sala-de-aula-defende-antonio-novoa-referencia-global-em-educacao-cleoi3tht007o017l44igzfom.html>

⁵ O Programa Mais Educação foi criado em 2007, no governo Lula. As atividades tiveram início em 2008, com a participação de 1.380 escolas, em 55 municípios, nos 27 estados. Já em 2015, o programa já possuía quase 51.440 escolas inscritas. Dados do Centro de Referência em Educação Integral.

Plano Nacional de Educação, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC para compreender como esse entendimento é visto hoje pelo governo. E a BNCC traz para debate esse assunto tão importante e afirma seu compromisso com a Educação Integral:

Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. (...) Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea⁶.

O MEC, Ministério da Educação e Cultura, em seu texto *Educação Integral: texto referência para o debate nacional*⁷, traz a ideia de redes sócio-educativas, afirmando ainda mais o compromisso com a educação integral e a escola como centralidade.

A ideia de redes socio-educativas coloca-se na perspectiva de criar uma outra cultura de educar/formar, que tem na escola seu lócus catalisador, mas que a transcende, para explorar e desenvolver os potenciais educativos da comunidade. A comunidade no entorno da escola também aprende a envolver-se com esse processo educativo e a reconhecer, como espaços educativos, uma praça, uma

⁶ As informações foram extraídas da BNCC e podem ser acessadas através do seguinte *link*: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao#a-base-nacional-comum-curricular>

⁷ O artigo pode ser encontrado no site do Ministério da Educação (MEC) através do link: www.mec.gov.br

rua, um parque, uma biblioteca, um clube, um teatro, um cinema, uma associação de bairro, um pátio, entre múltiplas experiências e possibilidades de convivências nos territórios (MEC *apud* CARVALHO, 2016. p. 50).

TERRITÓRIO EDUCATIVO

Neste pensamento integral onde a sociedade deve abraçar de forma coletiva a educação, a educação vai além dos muros da escola, se integrando com seu entorno. A ideia de território educativo, onde a escola atua fora de seu espaço físico, além muros, seja no caminho para a escola, seja na praça ao lado da escola, entendendo a cidade com parte desta construção educacional, se torna cada vez mais conectado com o entendimento de que é imprescindível esse extravasamento da escola além muros. Esta ideia é defendida por outros autores, especialmente por Giselle Azevedo, Vera Tângari e Paulo Afonso Rheingantz no livro *Do espaço escolar ao território educativo*, quando dizem “É preciso assumir que a escola sozinha já não se basta e o edifício escolar não pode continuar nesse isolamento, alheio ao que acontece no seu entorno” (Azevedo, 2016, p. 23). A conexão entre a cidade e a escola e as potencialidades deste território, faz com que não seja mais possível pensar a cidade e escola fora deste território educativo: “A escola não pode mais estar desconectada da cidade: a separação entre ambas não se adequa à realidade atual” (Azevedo, 2016, p. 23).

A criança é o ponto chave desta discussão, e conforme ressalta Giselle Azevedo, “negar à criança a vivência da cidade é restringir suas oportunidades de conhecer e experienciar as ruas, o bairro, a história e a vocação do lugar, ao mesmo tempo restringir também sua participação enquanto cidadã e ator social com competências para desenvolver ações com potencial poder de decisão.” (Azevedo, 2019, p. 26). Francesco Tonucci já trazia para a discussão a importância da criança na cidade, como parte imprescindível desta comunidade: “As cidades, ao perderem as crianças, perderam a segurança, a solidariedade, o controle social. As crianças precisam da cidade; a cidade precisa das crianças”⁸ (Tonucci *apud* Azevedo, 2019, p. 27).

⁸ Tradução das autoras: “Las ciudades, al perder a los niños, han perdido seguridad, solidaridad, control social. Los niños necesitan a la ciudad; la ciudad necesita a los niños”

A cidade deve ser feita para as crianças, pensadas para elas e com elas. Francesco Tonucci defende que deveríamos tomar as crianças como parâmetros para planejar as cidades: “como garantia dos direitos de todos os cidadãos, a partir dos mais fracos na certeza de que, se uma cidade for adequada às crianças, será uma boa cidade para todos” (Tonucci *apud* FARIA, 2016. p. 40), assim com Mayumi de Souza Lima defendia que: “Os espaços da cidade, como as praças e, principalmente as ruas dos bairros da periferia, poderiam ser pensados para uso prioritário das crianças e das famílias e secundário para os carros, tal qual como ocorre nos calçadões centrais. A possibilidade de proibição de carros é aventada quando o interesse é comercial. Por que não atender o interesse das crianças?” (Lima *apud* Faria p. 40).

Mas como esparramar essa infância sobre a cidade? A ideia central do Território Educativo é justamente utilizar este entorno da escola para uso e apropriação das crianças. Entendendo que esse uso é naturalmente necessário, sistematizar o uso ou melhor dizendo, demarcar o território é a base deste conceito. Para isso é preciso entender que espaços, equipamentos (sejam eles públicos ou privados), ruas, praças poderiam se tornar parceiros nesta construção deste território. E claro, não basta preparar a cidade para receber estas crianças, mas também é necessário que a escola, e seus gestores, estejam predispostos a saírem de seus espaços e se conectarem com a comunidade e parceiros. É preciso olhar para o entorno, buscar ajuda, reflexão dentro e fora da escola, discutir. É preciso explorar.

Um projeto interessante que ocorreu em Belo Horizonte, exemplificado por Levindo Diniz Carvalho e Samy Lansky em seu artigo *Infância, espaço público e escola*, é o PEI – Programa Escola Integrada⁹, relata esta necessidade de explorar e se conectar com a comunidade. Este programa amplia a jornada escolar, oferta atividades de esporte, arte e cultura através de parcerias com espaços comunitários e culturais. Em seus relatos, é possível perceber a conscientização por parte dos gestores e professores, da importância desta apropriação do território, da sua comunidade, pelas crianças.

⁹ Este programa foi estabelecido em 2006 e, até 2013, já havia sido implementado em 133 escolas na cidade de Belo Horizonte.

Em seu artigo, Carvalho e Lansky trazem algumas entrevistas com gestores e professores, que relatam bem esta questão, entre elas destacamos duas partes importantes para este ponto em questão. Primeiro a fala de um gestor¹⁰ da PEI, refletindo sobre a importância desse extravasamento dos muros da escola:

Acho que para a escola isso é muito bom, tira um pouco da ingenuidade porque a condição de vida das crianças, é muito dura a vida, elas passam por coisas muito difíceis. (...) as escolas começaram a refletir muito sobre como elas se posicionam dentro do território, como se articulam com as entidades que estão ali, porque às vezes a escola fica muito pra dentro – o desafio do programa é que você saia (Carvalho, 2016, p. 53).

Essa interação com a comunidade, as relações que se estabelecem ao sair da escola e o uso do espaço público são essenciais para a construção desse território educativo, tanto para os alunos quanto para a comunidade. A apropriação que as crianças fazem da comunidade é crucial para o reconhecimento das infâncias no território, para a valorização da escola na comunidade e para a identificação dos desejos e necessidades das crianças. Como afirma Carvalho, “conhecer e apropriar-se dos espaços públicos pode trazer importantes mudanças nas condições estruturais da infância” (Carvalho, 2016, p. 55).

As crianças precisam destes espaços públicos para seu crescimento enquanto crianças e cidadãos. É preciso trazer as crianças de volta ao espaço público. A escola precisa ser o agente desta retomada, se apropriando destes espaços e instituições, sejam elas públicas ou privadas, afinal educação é um problema de todos. Entender como a escola se apropria de seu território educativo é o desafio deste trabalho.

COMO ESPARRAMAR AS INFÂNCIAS SOBRE A CIDADE?

É importante ressaltar que um corpo docente comprometido com o conceito de Educação Integral é fundamental para que este projeto aconteça, mas antes do professor resolver sair da sala de aula, o Plano Pedagógico do Curso deve indicar os temas a serem trabalhados pela escola e indicar

¹⁰ Entrevista realizada com um gestor da PEI, concedida em março de 2011.

como será trabalhado aquele ano. Por isso é importante que os gestores, coordenadores, pedagogos e professores estejam trabalhando em conjunto para que este projeto saia do papel e principalmente, da sala de aula.

Assim, ao adentrarmos na escola estudada, foi buscado o Plano Pedagógico Anual¹¹ para entender a posição da coordenação pedagógica em relação a Educação Integral e seu Território Educativo. Com a leitura do PPA ficou clara a postura da escola de tentar integrar a escola em seu território. O tema anual a ser trabalhado é: “a reflexão sobre o mundo de hoje, como nós nos relacionamos, como o coabitamos e o futuro que queremos deixar para as próximas gerações”.

Os dois subtemas trabalhados no primeiro semestre deste ano foram cidade e natureza, com o tema específico: A Cidade e suas maravilhas, a cultura, as paisagens naturais e urbanas. É clara a importância que a coordenação pedagógica da escola dá a cidade, mas o interessante é que quando o PPA fala de recursos a serem utilizados, o que vem em primeiro lugar é utilizar “os recursos naturais ao redor da escola (Lagoa Marapendi, praia da Barra da Tijuca)” (PPA, 2023. p. 7). Com o entendimento que a escola tem esse olhar para o território, foi necessário entender na prática como essa relação com o entorno realmente acontecia.

METODOLOGIAS

A metodologia utilizada para a pesquisa teve como suporte primordial a avaliação pós-ocupação, que teve como referencial teórico estratégias do livro *Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação* (RHEINGANTZ, 2009). O objetivo principal da atividade era de entender como acontecia a relação da escola de ensino fundamental com os espaços livres que a cercavam, sejam eles intra ou extramuros. Essa compreensão era essencial não apenas para os alunos, o corpo docente, mas também para os pesquisadores, pois representava uma oportunidade de aplicar na prática os conceitos discutidos em sala de aula.

¹¹ O Plano Pedagógico analisado e consultado foi o de 2023, da Escola Municipal Prof. Didia Machado Fortes.

A seleção dos instrumentos foi orientada a partir dos distintos focos que eram necessários se aprofundar, ou seja, diferentes “ângulos” exigiam abordagens distintas. Inicialmente, a perspectiva do pesquisador desempenhou um papel crucial, pois representou o primeiro contato com o ambiente. Para essa observação e o conhecimento do lugar foi utilizado a análise walkthrough, em que sentidos e percepções foram aguçados e preparados para experienciar o local pela primeira vez.

Ainda sobre a visão do pesquisador, foram elaborados mapas comportamentais dos espaços livres da escola para entender tanto o comportamento quanto o entendimento do funcionamento desses ambientes. É importante destacar que durante a visita, estava chovendo, o que significa que o funcionamento dos espaços estava atípico em comparação com dias normais. A quadra esportiva não estava sendo utilizada, resultando no pátio interno da escola como o único local para as atividades das crianças. É relevante relacionar esses usos às condições climáticas, uma vez que a escola deve estar preparada para lidar com qualquer adversidade que possa ocorrer.

Outra perspectiva buscada foi a dos próprios estudantes da escola. Para abordar essa análise, empregou-se o mapeamento visual, também referido como “mapete”. O propósito era compreender, a partir da perspectiva dos alunos, o conhecimento e a relação deles com os espaços livres dentro e fora da escola. Dado que a escola está situada em um condomínio fechado, as dinâmicas de dualidade entre segurança e segregação tornam a análise das percepções das crianças sobre os espaços livres um aspecto fundamental da pesquisa.

Para concluir a análise sob todas as perspectivas, é de suma importância compreender também a visão do corpo docente em relação aos espaços livres, especialmente no contexto dos conceitos de educação integral e território educativo. Para essa finalidade, foram empregados questionários contendo cinco perguntas abertas sobre esses tópicos, com o principal objetivo de identificar as capacidades e limitações, vistos da perspectiva daqueles que se dedicam intensamente a utilizar o ensino como uma ferramenta de inclusão e de promoção do desenvolvimento social.

Pode-se concluir, conforme Augoyard (2020), que todas as fases da travessia foram completadas: “começamos por entrar na ambiência, antes de estarmos em cima, e finalmente através”. Isso permitiu explorar diversas ambiências presentes na escola por meio de diferentes abordagens interpretativas, uma vez que houve momentos de imersão, a partir da experiência para-com o ambiente, mas também momentos em que se fez necessário a distância para ver o todo.

Neste artigo, exploram-se as duas últimas metodologias de análise mencionadas: o mapeamento visual e os questionários, com o objetivo de incluir perspectivas que vão além das próprias pesquisadoras. A seguir, serão apresentadas ambas as atividades e seus respectivos resultados e desafios.

“MAPETE”

O método empregado, o mapeamento visual, é uma técnica desenvolvida por Ross Thorne e J. A. Turnbull (1995). Essa técnica permite identificar a percepção dos usuários, neste caso, os alunos da escola de ensino fundamental, em relação a determinados espaços. Ela se concentra na localização, apropriação, demarcação de territórios e nas possíveis inadequações encontradas nos espaços (Rheingantz; Azevedo; Brasileiro, 2009). No contexto da atual pesquisa, a inquietação se vinha através da percepção das crianças nos espaços livres da intra e extramuros da escola, ou seja, a aplicação do dispositivo se deu através das percepções dos ambientes urbanos.

O instrumento foi utilizado como espécie de “mapete” para permitir que as crianças se desprendessem do ambiente tradicional da sala de aula e pudessem explorar a paisagem sob uma perspectiva diferente (Ils. 1a e 1b). A turma foi dividida em quatro grupos, com cada pesquisador¹² assumindo a responsabilidade por um desses no período de cinquenta minutos. Para cada grupo, foram fornecidos dois mapas que apresentavam os espaços livres da região. Um dos mapas representava o condomínio, onde a escola está localizada, e o outro, em uma escala mais ampla, que mostrava os

¹² Para a implementação deste dispositivo, contamos com o apoio de mais dois pesquisadores da UFRJ, a fim de atender a uma turma do terceiro ano.



Il.1a e 1b: Registros da aplicação do Mapete para a turma de terceiro ano EMDMF.
Fonte: Acervo das autoras, 2024.





Ilus. 2a e 2b : Exemplos
da aplicação do Mapa do
Condomínio.
Fonte: Acervo das autoras, 2024.





Il.3a e 3b: Exemplos da aplicação do Mapa do Território.
Fonte: Acervo das autoras, 2024.

arredores, incluindo o Barra Shopping, a Avenida Ayrton Senna, a Lagoa e outros elementos urbanos.

As crianças compartilharam suas opiniões através de conversas, escritos, adesivos e desenhos, permitindo que expressassem suas lembranças e críticas em relação ao ambiente que as cercava (Ils. 2a e 2b; 3a e 3b). Os alunos conseguiram identificar a escola e os espaços livres no condomínio, como a quadra e a pracinha, bem como o comércio nas proximidades da escola. No entanto, eles não reconheceram as áreas às quais não tinham acesso, como o clube e os espaços dentro e entre os prédios.

Quando se tratava da escala mais ampla, foi evidente que as crianças enfrentavam maiores dificuldades em reconhecer os espaços, principalmente devido à representação em planta do território. No entanto, quando esses locais eram identificados, como a Cidade das Artes, o Bosque da Barra, o Barra Shopping e a estátua do New York City Center, eles eram prontamente reconhecidos pelas crianças.

Apesar desse reconhecimento limitado dos espaços livres mais amplos, percebe-se que as crianças têm uma falta significativa de experiência nesses lugares. Muitas delas vivem em bairros afastados e, frequentemente, em condições precárias, o que limita suas oportunidades de explorar esses espaços fora do horário escolar. Mesmo que o plano pedagógico tente proporcionar aulas extramuros, questões de segurança e a disponibilidade de professores para essas atividades frequentemente desencorajam programas e práticas diferenciados como esses.

Segundo Azevedo *et al* (2016), é preciso que a escola tenha uma ligação significativa com a cidade, promovendo a sua exploração pelas crianças e expandindo assim, a sua compreensão do espaço urbano ao se apropriar dos elementos da paisagem que o constituem, ou seja, é preciso incorporar a importância do debate sobre o direito à paisagem e como isso está incorporado no planejamento urbano contemporâneo das cidades. A sociedade é moldada por cada experiência, e, portanto, as relações com o espaço desempenham um papel fundamental na busca pelos direitos à cidade. Em outras palavras, a compreensão dessa realidade e, ainda mais, a oportunidade de vivenciá-la,

têm o potencial de contribuir de maneira significativa para a formação das crianças como cidadãos ativos na sociedade contemporânea.

QUESTIONÁRIOS

Entendendo que sem o engajamento do corpo docente a apropriação e uso dos espaços livres não ocorrem, procurou-se saber se este tem o entendimento do que é Educação Integral e como eles se utilizam dos espaços livres em suas aulas. Para isto, foi aplicado um questionário destinado a todo corpo docente, incluindo professores, coordenadores e diretor. Foram entregues quinze questionários e seis foram devolvidos preenchidos. O questionário continha as seguintes perguntas:

- *Qual sua função na escola?*
- *Qual o seu entendimento sobre Educação Integral? É utilizada na escola?*
- *Quais espaços dentro e fora da sala de aula são utilizados como ambiente pedagógicos? Você utiliza outros espaços durante suas aulas?*
- *Caso seja possível utilizar outros espaços, o que você sugere?*
- *Como você descreveria a relação da escola com os moradores do Condomínio?*

Foram respondidos pelo diretor, pela coordenadora pedagógica e por quatro professores. Dos questionários respondidos, só um não respondeu diretamente o que é Educação Integral, os demais responderam com o entendimento correto sobre Educação Integral, e a maioria (4) confirmam que a escola utiliza os princípios da Educação Integral nas atividades escolares. Quanto à pergunta 3, sobre os espaços utilizados como ambiente pedagógico, a maioria respondeu que utiliza a sala de aula, o auditório e a sala de leitura e disse também que não tem outros espaços externos na escola para utilizar. Alguns professores disseram que também utilizam o pátio e o corredor. Um professor mencionou o som, como um fator que atrapalha o uso dos espaços internos. Também foram citados espaços externos como a quadra de futebol (que é compartilhada com a outra escola) e a pracinha do condomínio.

O diretor e a coordenadora citaram a utilização de outros equipamentos e espaços externos, principalmente com as turmas mais velhas, como a Lagoa Marapendi e Cidade das Artes. Para as turmas menores fazem passeios mais próximos, como a feira de legumes e verduras que acontece ao lado da escola. A maioria mencionou que é necessário a autorização dos pais para atividades externas, o que dificulta a saída de alunos da escola para tais atividades.

Quando é perguntado sobre utilizar outros espaços livres, alguns professores sugeriram utilizar os espaços do condomínio, como a quadra, a pracinha e o clube, mas a questão das autorizações sempre é um problema levantado. Um professor mencionou que seria interessante utilizar espaços da prefeitura, como o Parque Olímpico. Também foi levantado a possibilidade de utilizar a praia como local para ir com os alunos, mas ressaltou que “essas duas faixas de trânsito para travessia nos limitam”.

Ao serem questionados sobre a relação com os moradores do condomínio, dois professores responderam que consideram a relação boa ou satisfatória. Os demais (4) disseram que a relação não é boa, utilizando adjetivos como “frio”, “distante” e “desconforto”. Citando que alguns moradores reclamam do barulho e do trânsito do transporte escolar no condomínio. O diretor citou uma comissão de moradores que tentava ajudar as duas unidades escolares em pequenas necessidades, mas que acabou no pós-pandemia. Hoje acontece de alguns moradores doarem livros e objetos obsoletos (para eles) para escola.

Foi possível perceber que a maioria do corpo docente tem um correto entendimento do conceito de Educação Integral, e que existe uma vontade de utilizar os espaços livres no entorno da escola, mas por questões burocráticas e operacionais é complicado a realização destas atividades fora da escola.

RESULTADOS E DESAFIOS

Acredita-se que toda aplicação de algum dispositivo em um determinado grupo tende a nos preparar para os próximos estágios. No que diz respeito a esta atividade, consideramos que tenha sido uma introdução inicial a temas

que estão relacionados às nossas pesquisas, abrangendo tanto conceitos quanto dispositivos. Portanto, essa experiência em si já contribuirá para o nosso crescimento e nos fortalecerá para as fases subsequentes dos nossos projetos de pesquisa.

A aplicação dos instrumentos revelou desafios e exigiu adaptações em cada um deles. Sem dúvida, os obstáculos que enfrentamos proporcionaram informações valiosas sobre o funcionamento da escola, principalmente em relação ao uso dos espaços livres. Foi possível observar uma forma diferente de uso e ocupação do espaço, especialmente em comparação com nosso primeiro contato, quando não havia chuva.

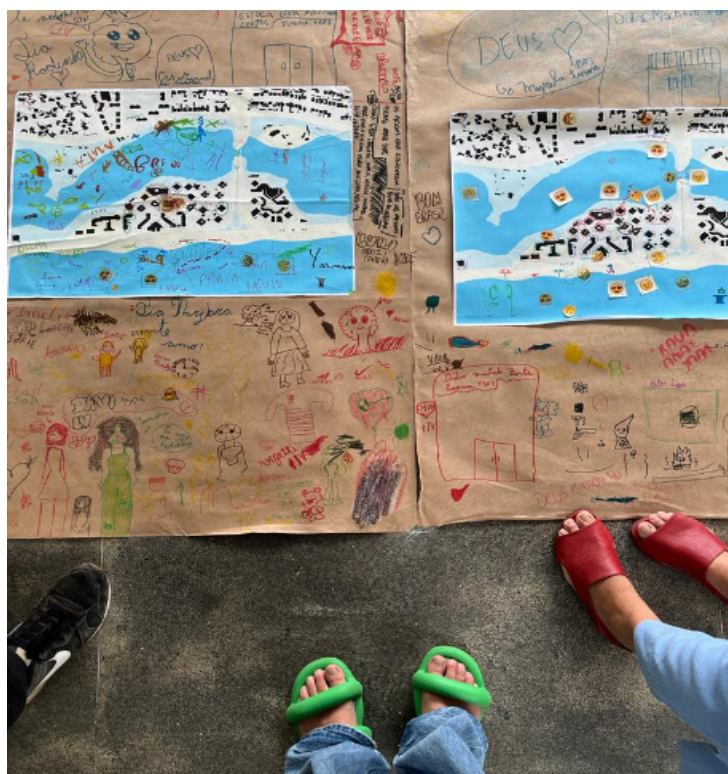
O processo de conexão com alunos do ensino fundamental é algo que desperta entusiasmo em qualquer pesquisador. Todos nós carregamos memórias da nossa própria experiência nessa fase da vida, sejam elas positivas ou negativas, e essas memórias se tornam mais evidentes quando estamos em contato com essas crianças. Ter a oportunidade de aplicar dispositivos que eram anteriormente apenas conceitos teóricos, na companhia de crianças e professores tão envolvidos, transformou essa experiência em algo que não apenas enriqueceu academicamente, mas também trouxe enriquecimento pessoal e social.

A escola demonstrou um elevado grau de abertura e cooperação ao receber a pesquisa acadêmica, e fomos calorosamente acolhidos. Durante as atividades com as crianças, foi notável a alegria que demonstraram ao participar de uma atividade que difere do usual, utilizando o chão como base, em contraste com as carteiras das salas de aula que utilizam diariamente. Além disso, um tipo de aprendizado diferente, envolvendo o contato com plantas e o contexto urbano que não é muito explorado em sala de aula, proporcionou experiências distintas que as crianças poderão compartilhar com sua família em casa, gerando discussões sobre a cidade não apenas na escola, mas também em seus lares.

Já em relação à opinião do corpo docente percebemos que existe uma vontade em utilizar os espaços livres e equipamentos no entorno da escola, mas que muitas vezes não acontece por falta de autorização dos

pais ou pessoal suficiente para ajudar na empreitada. O que percebemos é que sem a colaboração de todo o coletivo, estas atividades fora dos muros da escola dificilmente irão acontecer. E no cenário desta escola específica, onde ela está localizada longe da comunidade original dos alunos, fica mais difícil algum familiar se deslocar para ajudar num passeio ou numa ida ao parque. E no sentido inverso também acontece, pois como as crianças não são moradoras do condomínio, o próprio condomínio se mostrou hostil a elas, não deixando que elas frequentem as pracinhas do condomínio, reclamando do barulho e trânsito na hora da entrada e saída da escola.

É válido destacar que as pesquisadoras tiveram a oportunidade de participar da devolutiva à escola, uma apresentação de todas as atividades realizadas em um evento chamado “Feira de Arquitetura” (Ils. 4a e 4b). Dessa forma, o trabalho realizado pelas pesquisadoras em colaboração com os alunos do terceiro ano pôde ser compartilhado com toda a escola. A exposição despertou o interesse em relação aos territórios, o que proporcionou que os mapas fossem completados além do que havia sido feito inicialmente em sala de aula, para que todos pudessem se envolver com esses territórios de maneira participativa.



Il. 4a: Devolutiva aos alunos da escola - Feira Cultural.
Fonte: Acervo das autoras.



Il. 4b: Devolutiva aos alunos da escola- Feira Cultural.
Fonte: Acervo das autoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos o entendimento de como a escola se relaciona com seu território educativo, nos deparamos não só com questões desde ordem prática, como falta de pessoal e recursos, como também questões de ordem social, quando nos deparamos com a comunidade do condomínio apartada da escola do convívio em suas áreas comuns. Entendemos que esta escola específica tem uma configuração bem especial, pois não está localizada ao lado da comunidade de seus alunos, o que gera um ponto de ruído entre sua comunidade local e a escola. Esta comunidade não abraça a escola, não existe um sentimento de pertencimento daquela escola ao condomínio, pois os filhos dos moradores do condomínio não frequentam a escola. O condomínio é de classe média, e a escola, uma escola pública, sendo a maioria de seus alunos de classe mais pobre. Uma realidade social muito presente na realidade brasileira.

Infelizmente, alguns anos atrás, segundo relato da diretora da escola, uma das pracinhas do condomínio próxima da escola, onde os professores levaram

as crianças para fazer piquenique, foi cercada pelo condomínio impedindo que a escola utilizasse o espaço, alegando muito barulho das crianças, atrapalhando o bem-estar dos moradores, transformando a área em área de convívio de cães.

Ao propormos que a Educação Integral seja o agente catalisador dessa relação comunidade/escola, percebemos como é importante essa conexão, pois mesmo com esta relação conflituosa, a aproximação quebra barreiras e desmistifica. A escola pública não é um problema para aqueles moradores, assim como o condomínio não é um empecilho para a saída da escola a rua. A comunidade escolar deve ocupar o seu lugar no espaço entendendo sua importância social transformadora.

REFERÊNCIAS

AUGOYARD, J-F. *Uma travessia das ambiências: dentro...acima, longe de...através de...* Arquitetura, subjetividade e cultura: cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo. Rio de Janeiro: PROARQ/Rio Books, 2020. p. 108–171.

AZEVEDO, G. Sobre o habitar das crianças no espaço público: desenclausurando a infância. In: AZEVEDO, G. (Org.). *Diálogos entre arquitetura, cidade e infância: territórios educativos em ação*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2019. p. 22-35.

AZEVEDO, G.; RHEINGANTZ, P. A.; COSTA, R. Educação Integral e território Educativo: Diálogos possíveis em um coletivo complexo. In: AZEVEDO, G.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. (Orgs.). *Do espaço escolar ao território educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade*. Rio de Janeiro: Riobooks, 2016. p. 17-27.

BRASIL. *Base nacional comum curricular*. Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao#a-base-nacional-comum-curricular>. Acesso em: 8.set.2023.

CARVALHO, L.; LANSKY, S. Infância, espaço público e escola. In: AZEVEDO, G.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Orgs.). *Do espaço escolar ao território educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade*. Rio de Janeiro: Riobooks, 2016. p. 45-65.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. *Escola em tempo integral*: MEC anuncia política de expansão da jornada. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/escola-em-tempo-integral-mec-anuncia-politica-de-expansao-da-jornada/>. Acesso em: 11.set.2023.

PPA- Plano Pedagógico Anual. EMDMF - Rio de Janeiro, 2023

FARIA, A. B. Quando a escola salta os muros. In: AZEVEDO, G.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Org.). *Do espaço escolar ao território educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade*. Rio de Janeiro: Riobooks, 2016. p. 29-43.

GOULART, M. A. Itinerários Formativos na Cidade Educadora: uma escola sustentável para uma cidade educadora. In: AZEVEDO, G.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Orgs.). *Do espaço escolar ao território educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade*. Rio de Janeiro: Riobooks, 2016. p. 67-73.

NÓVOA, António. Temos que sair da sala de aula, defende António Nóvoa, referência global em educação. GaúchaZH, 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2023/03/temos-que-sair-da-sala-de-aula-defende-antonio-novoa-referencia-global-em-educacao-cleoi3tht007o017l44igzfon.html>. Acesso em: 11.set.2023.

RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G.; BRASILEIRO, A. H.; ALCANTARA, D.; QUEIROZ, M. Mapeamento Visual. In: *Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: Coleção PROARQ, 2009. p. 50-57.

SÃO PAULO. *Gestão Urbana: Prefeitura SP: Territórios CEU*. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/territoriosceu/territoriosceuprojetos/>. Acesso em: 11.set.2023.

THORNE, R. Using visual methods to focus User's response in predesign and post-occupancy Research. In: *Building evaluation techniques*. New York: McGraw-Hill, 1995. p. 123-128.